

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
INTEGRADA À EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - PROEJA**

**MULHERES COM IDADE MAIS AVANÇADA E A
INSERÇÃO NO PROEJA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Flávia Regina Oliveira do Prado

Santa Maria, RS, Brasil

2011

MULHERES COM IDADE MAIS AVANÇADA E A INSERÇÃO NO PROEJA

Flávia Regina Oliveira do Prado

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Profissional**

Orientadora: Professora Doutora Sueli Salva

Santa Maria, RS, Brasil

2011

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Educação Profissional
Integrada à Educação Básica na Modalidade Educação
de Jovens e Adultos - PROEJA**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a monografia de especialização

**MULHERES COM IDADE MAIS AVANÇADA E A INSERÇÃO NO
PROEJA**

elaborada por
Flávia Regina Oliveira do Prado

como requisito parcial para obtenção do grau de
**Especialista em Educação Profissional Integrada a Educação
Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA**

COMISSÃO EXAMINADORA

Sueli Salva, Dra - UFSM
(Presidente/Orientadora)

Marieli da Silva Marques, Dra – IFF

Liliana Soares Ferreira, Dra – UFSM

Santa Maria, 24 de outubro de 2011

DEDICATÓRIAS

Dedico esse trabalho aos meus pais e aos meus irmãos que sempre compreenderam as necessidades das minhas ausências, durante os meus estudos.

Minha dedicação especial à minha mãe, uma dona de casa, cuja caminhada embasou o meu projeto de pesquisa.

Ao meu amor, Igor da Silveira Berned que me incentiva e motiva para a continuidade dos meus estudos.

Aos meus sobrinhos: Clara, João Vitor e Júlia, desejosa de que tenham uma linda caminhada, enquanto estudantes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à coordenação do Curso de Especialização em PROEJA pelo empenho na realização do mesmo e aos professores pelos ensinamentos durante as aulas.

Agradeço especialmente à professora Sueli Salva que me orientou com alegria e entusiasmo e por acreditar na beleza desse trabalho.

Obrigada, banca examinadora, pelo tempo dedicado, nesse período de apresentação do trabalho.

Expresso também o meu agradecimento, à equipe diretiva e coordenação pedagógica do Instituto Federal Farroupilha pela oportunidade de realizar a pesquisa, na instituição, e as mulheres que com suas histórias possibilitaram a realização do meu trabalho de pesquisa.

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos.

Mary Del Priore

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada
a Educação Básica na Modalidade de Educação de
Jovens e Adultos PROEJA
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

MULHERES COM IDADE MAIS AVANÇADA E A INSERÇÃO NO PROEJA

AUTORA: Flávia Regina Oliveira do Prado
ORIENTADORA: Sueli Salva

Local e Data da Defesa: Santa Maria, 24 de outubro de 2011.

A experiência que adquiri com um grupo de mulheres trabalhadoras, do lar e com filhos que, após longo afastamento, retornaram à escola, através da EJA – Educação de Jovens e Adultos, no Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac - IEEOB, motivou o desenvolvimento dessa pesquisa. Nesse trabalho, pretendi conhecer a trajetória de vida das mulheres que decidiram concluir seus estudos através dos cursos oferecidos pelo PROEJA, no IFF - Instituto Federal Farroupilha da região de Santa Maria, RS. Procurei, também, saber quais as motivações que as fizeram retornar nesses cursos. No desenvolvimento da pesquisa, realizada com 5 mulheres, analisei como elas administram as atividades do seu cotidiano com a vida escolar, buscando entender as expectativas de vida criadas por elas através do PROEJA. Nessa pesquisa qualitativa usei como técnica de coleta de dados a entrevista, o diário de campo e a observação. Para melhor compreender as suas motivações, usei imagens de várias mulheres, a maioria anônimas, e algumas fichas com as palavras: atitude, batalhadora, coragem, ousadia, persistência, superação e vitoriosa como dinâmicas aplicadas em diferentes encontros, a fim de provocar uma reflexão e o autoconhecimento através das escolhas realizadas, por elas. Interessei-me por compreender como elas articulam seus conhecimentos prévios aos conhecimentos adquiridos pela formalidade escolar, levando em conta que o PROEJA é um programa que visa à formação integral do estudante. Nesse sentido, provoquei reflexões sobre o papel do professor, enquanto educador de adultos, na vida dessas mulheres.

Palavras-chave: Educação. Família. Mulheres. Proeja. Trabalho.

SUMMARY

Monograph of Specialization

Specialization Course in Professional Education Integrated Basic
Education in the Mode of Education, Youth and Adult PROEJA
Federal University of Santa Maria

WOMEN WITH MORE ADVANCED AGE AND INTEGRATION IN PROEJA

AUTHOR: Flávia Regina Oliveira do Prado
ADVISOR: Sueli Salva

Place and Date of Defense: Santa Maria, October 24, 2011.

The experience gained with a group of working women, housewives and women with children that after a long time away returned to school having adult education - Youth and Adult Education, the Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac (IEEOB), motivated the development of this research. In this work, I wanted to know about the life histories of women who decided to complete their studies through the courses offered by PROEJA at IFF – Instituto Federal Farroupilha of Santa Maria, RS. I researched about the motivations that made them return to take these courses. The study was conducted with five women. I analyzed how they manage their daily activities with school life, seeking to understand the expectations of life created by PROEJA. In this qualitative research, interview, field report, and observation were used as data collection technique. To better understand the motivations of these women I used various images of women, mostly anonymous, and some paper strips with the words: attitude, hardworking, courage, boldness, persistence, overcoming and upbeat as dynamic techniques applied in different meetings in order to provoke a reflection and self-knowledge through the choices made by them. I sought to understand how they articulate their prior knowledge to the information acquired by formal education, taking into account that the PROEJA is a program that seeks the integral formation of students. In this sense, reflections on the role of the teacher as an educator of adults in the lives of these women were made.

Keywords: Education. Family. Women. PROEJA. Work.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Mulheres: Educação e Trabalho Pra Quê?	15
1.2 Na escola, (Re) Construindo Sonhos	29
2 METODOLOGIA	49
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

O meu interesse pela história de vida das mulheres, que frequentam as salas de aula fora da idade própria, surgiu a partir de uma reflexão pessoal em uma noite de conclusão de uma das turmas da EJA do IEEOB – Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac. A Educação de Jovens e Adultos desse Instituto é oferecida na modalidade Ensino Médio e suas disciplinas curriculares são distribuídas por módulos de estudos. Cada módulo é composto pelas áreas de ensino, sendo que no Módulo I os estudantes são matriculados nas disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Literatura e Arte, no Módulo II cursam Física, Filosofia, Matemática e Sociologia, no Módulo III frequentam aulas de Biologia, Química, Geografia e História. Nessa noite, acontecia uma cerimônia especial, tradicionalmente oferecida pela direção e educadores da EJA dessa instituição de ensino, em homenagem aos estudantes concluintes. Esse momento, que faz parte da programação semestral do curso, é bastante apreciado pelos estudantes, pois a cerimônia se constitui com entrada solene acompanhada dos padrinhos de honra, chamada nominal dos concluintes para os cumprimentos da direção, coordenação e principalmente para o recebimento do esperado “canudo”.

Na cerimônia, enquanto eu observava o contentamento dos estudantes concluintes, recordava ainda o momento da minha “formatura” de ensino médio, no início da década de 90, que fora realizada na Igreja Católica da cidade. Embora tenha sido de grande expectativa a chegada desse dia, eu concluía uma importante etapa da minha vida, sem a qual, diminuía as possibilidades de inserir-me no mundo do trabalho, eu não contemplei a cerimônia da forma como a maioria dos estudantes da EJA contempla. Eu não me sentia descontraída como esses estudantes. E não era por uma questão de timidez, mas sim por insegurança em relação ao meu futuro. Aquele instante representava para mim, apenas o término de mais uma etapa na minha vida. Uma sensação de dever cumprido.

Conforme as orientações que recebi da minha mãe, concluir aquela etapa se constituía numa obrigação minha. Preocupada com o futuro dos filhos, ela sempre nos orientou para os estudos e a independência financeira. O senso de responsabilidade se acentuava com as recomendações dela quando nos alertava

para sair da escola e voltar logo para casa. Não nos permitia participar das rodas de amigos na rua, nem mesmo namorar, seja na escola ou no portão da casa. Sempre deixou muito claro que além de muito novas, nossa obrigação era estudar. Também não admitia a ideia da reprovação. Caso viesse acontecer com alguém, voltaria a morar com eles e trabalhar no campo.

Não creio que fui insensível à cerimônia de conclusão do ensino médio, apenas não a vivi plenamente como fazem os concluintes da EJA. Eles fazem inúmeras fotos. Eu tenho apenas uma única que registra o acontecimento.

Durante a solenidade de conclusão dos estudantes da EJA, algumas mulheres despertavam mais a minha atenção. O entusiasmo, a alegria e a beleza realçada pelos trajes, maquiagem e cabelos bem cuidados, expressavam a valorização da conquista. Lá, estavam trabalhadoras de várias jornadas diárias, mães que driblavam o tempo em busca da realização de uma importante etapa de suas vidas.

Tudo isso fez com que eu pensasse na pouca escolarização da minha mãe. Uma mulher que frequentou a escola o tempo suficiente para aprender a ler e escrever o seu nome e algumas poucas palavras mais. Mas, por outro lado é dotada de uma inteligência e visão financeira que lhe possibilita êxito na realização de pequenos negócios e gerenciamento doméstico. Além disso, usou do seu pouco conhecimento para ensinar-me a juntar as sílabas e formar algumas palavras. Hoje, com quase 70 anos de idade demonstra vigor e disposição para aprender coisas novas. Quando mais jovem, tentou dirigir. Como se fazia no passado, não era preciso frequentar uma autoescola para aprender. Com alguma dificuldade motora, provocada por problemas de saúde, meu pai já não dirige mais. Isso os coloca na dependência do filho ou de pessoas mais próximas, dificultando a rotina de ambos. Dinâmica e sempre disposta a fazer as coisas, vejo reacender um desejo antigo quando minha mãe cogita a possibilidade de frequentar a autoescola como forma de retomar a liberdade na rotina doméstica, em se tratando de locomoção.

Não há idade para o aprendizado. Não importa a idade quando se tem a vontade de aprender. Muitos talentos são desenvolvidos após certa idade. Formam-se professores, advogados, dançarinos, entre outros, no seu tempo de aprender. Dessa forma, o retorno das mulheres com idade mais avançada à escola significa retornar no seu tempo de aprender e concluir uma importante etapa em suas vidas.

Concluir essa etapa, para muitas delas, pode representar a valorização social e o autoconhecimento, melhorando a autoestima.

Assim como aquelas mulheres que concluíam a EJA, eu também fiz um grande empenho para concluir minha graduação. Quando se quer estudar, mas o trabalho também deve ser priorizado, é necessário saber conciliar estudo e trabalho. A correria do trabalho para a sala de aula exige saber fazer o que tem que ser feito. Muitas vezes, isso não significa satisfação pessoal e prazer momentâneo, mas pode representar mais confiança no futuro.

Sentia-me frustrada quando impossibilitada de acompanhar os colegas em grupos de estudos na biblioteca ou durante a realização das listas de exercícios propostas pelos professores para fixação dos conteúdos desenvolvidos. Como incentivo costumo comentar com meus alunos da EJA que a maioria das pessoas concilia trabalho e estudo porque quando se acredita nas possibilidades que surgem após a conclusão de mais uma etapa, percebe-se que vale a pena lutar, mesmo diante de algumas dificuldades. É preciso ter objetivos, saber o que se quer! Sabia que o curso possibilitaria boas oportunidades de trabalho.

Pensava que todo o sacrifício das horas sem dormir, distância dos meus familiares e festas que nem pensei em fazer eram recompensados por estar participando de um momento tão belo na vida das minhas alunas, aquelas que comemoravam a conclusão dos seus estudos, na EJA. Isso me instigou a descobrir o que faziam essas mulheres desafiar uma série de dificuldades para um dia chegarem àquele momento. O que elas esperavam encontrar na escola?

Refletindo sobre o cotidiano dessas mulheres, imaginava que elas, assim como minha mãe, realizam tarefas correspondentes ao triplo e mesmo, o quádruplo da jornada de trabalho uma vez que normalmente, cabem às mulheres as atividades da casa. Segundo Perrot (2007) essas atividades marcam todo o trabalho feminino, pois a mulher é sempre uma dona de casa. Certa vez, minha mãe comentou que gostaria de ter um trabalho remunerado, mas suas atividades se restringiram sempre à rotina do lar. Focada nessa rotina doméstica, lembro-me que em tempos atrás ela não parava, estava sempre fazendo uma coisa ou outra. Pela manhã ordenhava as vacas junto com o pai. A seguir já preparava o café da manhã, e sem demora dava início ao almoço da família. Suas tarefas não acabavam por aí. Na parte da tarde ela dava um jeito de manter-se envolvida em muitos afazeres, inclusive dar comida aos bichos, quando não havia alguém que o fizesse.

Diferentemente da vida no campo, a vida urbana, em geral, restringe os serviços da casa, focando-os mais e dando a sensação de acabamento. Por outro lado, a dona de casa que, além das atividades do lar, também exerce outras tarefas, fora do mesmo, cumpre uma jornada diária maior do que as donas de casa que não trabalham fora. Como exemplo disso, contou-me uma das minhas alunas que ao chegar a sua casa, após as aulas, ainda preparava o almoço para o seu marido. Ela costumava almoçar em seu local de trabalho, mas ele sempre fazia a refeição em casa. Essa mulher estudava por conta de um desejo pessoal muito grande. Para muitas outras mulheres, “pilotar” o fogão em horários mais apropriados, se constitui um sacrifício devido ao acúmulo de serviço. Que motivação há para realizar esse trabalho todo após a meia noite? O que explica tamanho sacrifício? Será por uma questão cultural que ela, como boa esposa, já havia acostumado seu companheiro neste comodismo? Porque ele mesmo não preparava a sua refeição? Desse modo, ele, ao chegar à casa, bastava aquecer a refeição preparada por sua companheira.

Diante das lutas pela igualdade de direitos, o trabalho doméstico se mantém, na maioria das vezes, realizado pelas mulheres. Perrot (2007), diz que em relação à rotina doméstica, mesmo nos casos em que as mulheres trabalham fora, as tarefas no interior da família, são pouco compartilhadas entre homens e mulheres.

Paulatinamente, a mulher tem obtido êxito diante da luta pela conquista dos seus espaços na sociedade, porém torna-se evidente que as tarefas domésticas geralmente, são exercidas por elas. Num mundo globalizado em que todos têm muitas atividades e compromissos poucos são os homens que assumem as tarefas domésticas junto com suas esposas e companheiras. No entanto, como em Perrot (2007), o trabalho doméstico é fundamental na vida das pessoas porque o gerenciamento doméstico proporciona o funcionamento e a reprodução da vida em sociedade. Para as mulheres, esse trabalho não é tarefa fácil porque compete sempre a elas a responsabilidade e execução do mesmo. Além disso, o trabalho doméstico não muda. É um trabalho comum no cotidiano das mulheres pela repetição das mesmas tarefas dia após dia. Perrot (2007) analisa também que elas carregam o estereótipo da dona de casa perfeita como modelo da boa educação e satisfação do desejo dos homens.

Hoje, muitas mulheres superam os desafios impostos por questões culturais, pelas dificuldades de locomoção, clima, horários, ausência da família e mesmo a falta de apoio dos seus companheiros. Mulheres que após 20 anos ou mais

afastadas da escola resolvem “desacomodar” suas vidas entregando-se num ímpeto de entusiasmo pela aprendizagem dos conteúdos que compõe as disciplinas curriculares. Conteúdos, como se sabe, muitas vezes dissociados da realidade da maioria desses estudantes. Mas, nem por isso impedem à busca desse sonho.

Levando em consideração os desafios enfrentados e por sua vez o rompimento da monotonia ou estabilidade das suas vidas problematizei a questão: **o que motiva a mulher com idade mais avançada, que além das tarefas domésticas, o cuidado dos filhos e a jornada de trabalho, ainda encontram forças para frequentar as salas de aula, no PROEJA?** Conhecer a trajetória dessas mulheres, saber quem são elas, quais os seus conhecimentos e experiências, entender como articulam seus conhecimentos prévios aos conhecimentos escolares, os rumos que pretendem seguir após concluir a educação básica e quais sonhos foram adiados são questões relevantes para a proposta de pesquisa.

Nesse trabalho, a investigação teve como base a compreensão que a educação é um processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos para que assim mude o seu rumo. Assim, valorizar o esforço dessas mulheres que buscam uma formação escolar mais qualificada também é papel da escola enquanto formadora de cidadãos. Significando a sua luta contra a discriminação de gênero como competências com dimensão cultural, econômica e política. Tratando de uma mudança das relações entre as pessoas na sociedade e a valorização do papel da mulher, no meio doméstico ou na sociedade, inserindo-as no mundo do trabalho.

No desenvolvimento desse trabalho, procurei entender as motivações e os interesses das mulheres, com idade mais avançada, com o mundo do trabalho, uma vez que naturalmente, muitas delas ao concluírem seus estudos pela EJA são inseridas em algum curso técnico. Também pretendo investigar o novo olhar, a “leitura de mundo” (FREIRE, 1987, p.11) adquirida pelas mulheres após a conclusão dos seus estudos. “Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo.” (FREIRE, 1996, p. 15). relatei sobre os seus avanços pessoais conquistados e o que significou para elas a permanência na escola, a troca de experiências com outras pessoas e a relação que passaram a

fazer desses conhecimentos adquiridos com o seu cotidiano, levando em consideração as relações de gênero que perpassam o campo sociocultural.

1.1 Mulheres: Educação e trabalho pra quê?

Comumente, o homem tornar-se integrante de um grupo. Procura seus semelhantes através dos seus valores pessoais e culturais. Seus antepassados, suas crenças, hábitos e valores são, em geral, fatores que influenciam a participação das pessoas em certos grupos. “[...] *a história da pessoa se constitui apenas como certa especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe, regulada e codificada em função das características de sua época*”. (ALMEIDA, 2001, p. 53).

Numa perspectiva de identificação de grupos com interesses comuns foi sendo constituída a educação brasileira. Criada pela elite, a educação atendia apenas esses grupos. A criação das escolas, no Império, visava à educação dos filhos da nobreza, garantindo a elevação social e a permanência dos grupos dominantes. “*Os anos se passavam, o Brasil caminhava para o século XX e, nas cidades e povoados, sem falar na imensidão rural, grande parte da população continuava analfabeta*”. (LOURO, 2010, p.444).

A população mais pobre, os escravos, operários e seus filhos eram designados ao trabalho cuja mão de obra servia às especulações do capital.

Para a população de origem africana, a escravidão significava uma negação do acesso a qualquer forma de escolarização. A educação das crianças negras se dava na violência do trabalho e nas formas de luta pela sobrevivência. (LOURO, 2010, p. 445)

Os filhos dos pobres, integrantes dos grupos excluídos eram designados ao trabalho braçal e nas lavouras, cuja condição representava a necessidade de subsistência, uma vez que, trabalho como produção e garantia de sustento à vida humana também é necessário.

No entanto, o trabalho nesse sentido não tem sido assumido por todos ao longo da história do Brasil. Mesmo com certa demanda na oferta de trabalho, comparada com o período que precede à revolução industrial, nosso país ainda não consolidou uma política educacional visando à qualificação profissional que seja

voltada para a maioria das pessoas, excluída dos processos escolares e do mundo do trabalho. Sem qualificação profissional e com pouca ou nenhuma formação escolar, nos tempos atuais, ainda ocorre, como diz Frigotto (2002) a exploração de seres humanos por seres humanos e de classes sobre classes.

O acesso escolar pelos filhos dos operários só foi permitido com o surgimento das fábricas. A educação para esses, além de pouca qualidade, simbolizava a garantia da mão de obra para a manutenção do capital. Na era republicana, embora a política educacional visasse uma educação para todos, a sua efetivação foi marcada por interesses ambíguos, pois o ensino continuava priorizando a elite e a continuidade dos estudos científicos enquanto para o povo era direcionada uma educação fraca e profissional que se tornava essencial para a garantia da mão de obra e a manutenção do mercado capitalista.

Como direito de acesso de todo cidadão e única possibilidade de acabar com as desigualdades sociais, por longa data, a educação excluiu as camadas pobres e a presença das mulheres, nas salas de aula. Frequentada apenas por homens, a escola não servia para as mulheres, pois a elas não era consentido o direito à instrução.

Pelo menos até o final do século XVII a mulher fora excluída do processo educativo cujo início ocorreu, aproximadamente dois séculos após a educação iniciada pelos homens.

Na opinião de muitos, não havia porque *mobilizar* a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o *pilar de sustentação do lar*, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos. (LOURO, 2010, p. 446).

A instrução como a aquisição de conhecimentos mais especializados, foi negada à mulher por longa data. No fim do século XIX e início do século XX, a presença feminina, nas poucas escolas da época, ainda era ínfima. Além disso, o ensino para as meninas não era o mesmo destinado para os meninos. A educação das meninas tinha como foco, sempre, um ensino mais direcionado ao espaço doméstico e ligado à constituição da moral e bons costumes. Para os meninos era oferecido um ensino mais especializado como o das ciências. Estudar, buscar

conhecimentos e informações tinha importante significado para os homens, como se isso fosse apenas da natureza masculina.

Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistia os primeiros ensinamentos para ambos os sexos, mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura. (LOURO, 2010, p. 444)

Reforçando o poder do homem sobre a mulher, a igreja Católica monopolizava a educação nos tempos do Brasil colônia. A mulher era vista na sociedade, como um ser inferior, sem necessidade de aprender a ler e escrever. Às mulheres, bastavam serem boas mães e esposas, restringindo suas vidas apenas às lides domésticas. Enquanto moças elas deviam aprender com suas mães, com as escravas, avós ou tias a bordar, costurar, cozinhar, lavar entre outras atividades que as promovessem boas donas de casa.

A educação feminina era baseada na realização de um ofício imposto pela sociedade dominante. Para as mulheres, a educação baseava-se no desenvolvimento dos afazeres domésticos, das boas maneiras e para o casamento, por meio do qual ela, como “boa esposa”, poderia gerar filhos e constituir suas famílias. Comportamento herdado das mães, tias e avós. Também cabia a elas cuidar e preservar o prestígio da família. Gerando filhos do sexo masculino, garantia continuidade do “nome” do seu marido que era a representação de poder e status na sociedade. Responsável pelo prestígio social do marido, a mulher sustentava a moralidade da sociedade. “Com isso, devia seguir um comportamento adequado e com regras castas na intimidade com o marido, além de vigiar o comportamento da prole a fim de constituir uma descendência saudável” (D’INCÃO, 2010, p.230). Ser boa esposa, mãe e dona de casa era a representação do respeito e dignidade. Seu conhecimento se restringia ao saber doméstico, envolvendo o lar e a família, pois ela não podia participar efetivamente no desenvolvimento da vida. Estava inserida numa sociedade machista e “educada” para a submissão. Com isso, o olhar preconceituoso, da época, impedia comportamentos ditos femininos como a vaidade, a curiosidade e toda manifestação de entusiasmo ou contentamento. Elas deviam manter sempre uma postura recatada, demonstrando uma atitude reservada diante dos acontecimentos do seu cotidiano. Durante séculos, o papel da mulher na sociedade era restrito ao interior da família, dedicando-se apenas aos serviços domésticos e unicamente como esposa e mãe zelosa dos filhos. Os direitos ligados

à educação, à obtenção de uma profissão, à liberdade e ao exercício da cidadania através do voto, sempre foram negados.

Somente algumas mulheres elitizadas, cujas condições financeiras eram mais favoráveis, tinham acesso a uma educação escolar e diferenciada que possibilitasse o gerenciamento de alguns negócios da família. As mulheres pobres e escravas eram relegadas ao esquecimento e descaso.

O ingresso das mulheres no ensino profissional aconteceu através dos cursos normais que eram oferecidos pelas escolas de formação de professores, inicialmente frequentada apenas por homens.

O magistério primário, como ocupação essencialmente feminina revelada já nesse período, possibilitou às mulheres, notadamente da classe média que se alicerçava no panorama socioeconômico do país, a oportunidade para ingressar no mercado de trabalho. (ALMEIDA, 1998, p.28).

O acesso às escolas normais só foi possibilitado cerca de 30 anos após o surgimento destas escolas, no final do século XIX. As primeiras escolas de formação de professores, em meados do século XIX, recebiam apenas estudantes do sexo masculino. Apenas aos homens era oferecido à formação para atuação no magistério. O ingresso das moças, nestas escolas era proibido.

Interessados por melhores salários, os homens passaram a ingressar em outras áreas profissionais e as escolas de formação de professores passou a representar a concentração das moças da classe média que desejavam a profissionalização.

Aproximadamente meio século após a criação dessas escolas, a sociedade dominante, passa a entender o magistério como a continuidade das tarefas zelosas exercidas no lar e como mãe. Em pouco tempo, a profissão do magistério passou a ser assumida pelas mulheres como trabalho digno e remunerado, sendo basicamente, a única atividade remunerada exercida pelas mulheres por muito tempo. Época em que a força de trabalho das mulheres torna-se expressiva.

Em relação ao mundo do trabalho, o ingresso das mulheres contribuiu para a mudança de postura em relação à educação feminina. Paulatinamente, as mulheres passaram a ocupar outros espaços na sociedade, se instalando o movimento feminista na busca pela igualdade de direitos e oportunidades perante os homens. Com isso, a formação escolar e a profissionalização representaram e continuam representando o caminho para a autonomia e a liberdade na conquista dos seus

direitos como a possibilidade de maior atuação política e social adquirida através do voto, no século XX.

Conhecer e refletir sobre a educação feminina nos faz reviver fatos que contribuíram com a cultura de desigualdades entre homens e mulheres. Entendendo quais motivos levaram à marginalização da figura da mulher em nosso país, resignificamos toda a luta feminina para ocupar os seus espaços na sociedade, pois “a memória revivida faz ressoar silêncios e omissões, levantando véus daquilo que foi calado e sufocado.” (ALMEIDA,1998, p. 12).

Atualmente, as mulheres mesmo diante de todos os seus afazeres e papéis, como mãe, esposa e doméstica têm garantido o seu papel social, fazendo-se presentes em áreas que antes apenas os homens ocupavam como é o caso da sala de aula. Porém, é inegável que a mulher foi excluída de todo processo escolar, durante séculos. Somente em meados do século XIX a mulher brasileira conquistou o direito à instrução, mas a acolhida pelas instituições de ensino só teve início a partir da década de 40.

A partir de 1934, quando se voltava um olhar para a educação de adultos por meio da Constituição Democrática, timidamente a educação das mulheres assumiu novos rumos e pouco a pouco, elas passaram a ocupar novos espaços na escola e no mundo do trabalho. Revogada a constituição em 1937, o ensino brasileiro passou a ser regido apenas por leis orgânicas, promovendo a formação para o trabalho nas indústrias e o fortalecimento do capital. Nessa época, abriram-se as portas do emprego para as mulheres devido à demanda das vagas e as possibilidades de exploração da mão de obra. Mas, a educação feminina teve destaque a partir da década de 80.

Historicamente, as oportunidades de trabalho para as mulheres tornaram-se secundárias. Impedidas de frequentar a escola, o acesso ao mundo do trabalho também foi uma barreira ao longo da formação profissional da mulher brasileira.

Aumentando a demanda da mão de obra feminina, os homens sentiam-se ameaçados e temiam a diminuição dos salários. Para eles, sustentar suas famílias era um orgulho perante a sociedade. Ser operário representava um modelo de homem digno. Isso reforçava a relação da mulher com os afazeres domésticos. Elas só foram inseridas no mundo do trabalho com a demanda das vagas nas indústrias e como fonte de mão de obra barata.

Mesmo que a participação das mulheres tenha crescido em vários seguimentos da sociedade civil organizada como nos movimentos sociais, nos sindicatos, no mundo do trabalho e na escola, que por muitos anos focalizava a presença masculina, elas ainda precisam organizar-se mais e participar ativamente dos espaços sociais. Ainda que com algumas políticas públicas para mulheres, vigentes na nossa sociedade, ainda as vemos excluídas de muitas áreas e também com salários inferiores aos dos homens. Muitas vezes, quando vemos mulheres pobres ocupando funções que antes se atribuíam aos homens, estão atuando como cobradoras ou motoristas de ônibus, taxistas, construção civil, carteiras, entre outras, com baixa remuneração e pouca exigência de formação escolar. Nos cargos de chefia e na política continuam sendo minoria. A trajetória das mulheres ainda é considerada submissa ao sexo oposto. Apesar da continuidade das lutas pelo seu espaço e algumas conquistas, ainda encontram entraves na conquista de seus direitos. Ter acesso ao salário, como uma remuneração individual ainda causa algum desconforto social como se ao desejar trabalhar e deixar a casa representasse o abandono do lar. Nesse sentido, a presença da mulher como o ponto de apoio e utilidade, como em Perrot (2007), no lar, é uma questão de gênero que precisa ser mais discutida na sociedade como um todo. Obviamente, ao ingressar no mundo do trabalho, as tarefas do lar, que geralmente são resolvidas pelas mulheres, continuarão necessitando de atendimento. Mas, em contrapartida, elas também podem ser distribuídas entre os membros da família.

“Os positivistas, ao adotarem os modelos de domesticidade e renúncia, foram determinantes para a desclassificação social da mulher.” (ALMEIDA, 1998, p.18). Nessa visão, as mulheres não deveriam cansar com o trabalho intelectual a fim de não debilitar e comprometer uma constituição considerada frágil e nervosa, o que poderia também, comprometer a integridade dos seus descendentes. Não se pretendia que a educação escolar para as mulheres as preparassem para o desempenho de alguma atividade remunerada, mas apenas para o cuidado da família.

A mulher educada dentro das aspirações masculinas seria uma companhia mais agradável para o homem que transitava regularmente no espaço urbano, diferentemente do período colonial com seu recolhimento e distanciamento do espaço da sociabilidade (ALMEIDA, 1998, p.10).

Diante dessa trajetória de conquistas e entraves, quais seriam as forças que movem a mulher casada, com filhos, responsável pelos afazeres domésticos e com idade mais avançada conciliar suas atividades domésticas com os estudos? Essas mulheres, com idade mais avançada, têm frequentado às salas de aula na tentativa de recuperar uma formação que havia sido deixada de lado por conta de outros interesses, prioridades ou ainda, por terem sido impedidas pelo pai, pelo simples fato de ser mulher.

Numa época em que as mulheres procuram usufruir os direitos paulatinamente conquistados ao longo dos tempos, as mulheres com mais idade também retornam às salas de aula na busca de uma formação profissional. Muitas freqüentam a EJA – Educação de Jovens e Adultos para concluir uma etapa necessária para o ingresso aos cursos técnicos e assim, preparadas profissionalmente, concorrer a uma vaga no mundo do trabalho.

Pastore (1995) já esperava que, no futuro, as exigências de maior escolarização para ingressar no mundo do trabalho fossem acentuadas. Atualmente, com a elevação tecnológica, as oportunidades de trabalho também vão sendo modificadas e junto, a formação escolar exigida vem diminuindo as possibilidades de emprego para as pessoas que ainda não completaram o ensino médio. Será essa perspectiva um dos motivos que faz com que a mulher retorne à escola após longo afastamento? Levando em conta a longevidade, estarão essas mulheres se preparando para melhores oportunidades de trabalho, se reservando um pouco das atividades exercidas no lar ou em outras residências, enquanto empregadas domésticas? Ou ainda, estarão elas procurando ajudar na renda familiar através da sua autonomia financeira?

Num mundo modernizado em que as relações de trabalho tornam-se mais competitivas devido à inovação tecnológica e ao elevado aumento da população mundial surgem novas demandas de bens e serviços cada vez mais sofisticados. Ser um profissional polivalente com domínio na execução de várias tarefas e mão de obra qualificada é uma exigência dos novos tempos para o mundo do trabalho. Para isso, como diz Pastore (1995), aprender continuamente exigirá dos trabalhadores maior dedicação do seu tempo para aprender a dominar as inovações.

A relação profissional não cessa com a garantia da mão de obra qualificada, pois ao contrário de outros tempos as exigências da boa formação são paralelas as exigências das boas relações profissionais. Nos tempos modernos, cada vez mais

são exigidos trabalhadores com espírito de liderança, iniciativa, autonomia e capacidade para perceber e resolver problemas, sobretudo que saibam manter boas relações interpessoais nos grupos em que estão inseridos. Nesse sentido, as boas relações integradas ao espírito de liderança representam novas competências exigidas pelo mundo do trabalho, atualmente.

Educação como direito de todo cidadão é também a oportunidade de acesso à informação, cujo conteúdo, enquanto objeto de estudo deve ser decodificado pelo indivíduo e este, ao codificá-lo, transforma a informação adquirida em conhecimento, fazendo nova “leitura do mundo” (FREIRE, 1987, p.11). É nesse sentido que o conhecimento adquirido contribui para o aprimoramento do olhar crítico do indivíduo, possibilitando-lhe relacionar as várias áreas do conhecimento, importante para a compreensão das transformações que ocorrem a nossa volta.

Através do conhecimento o indivíduo interage melhor com o meio em que ele vive. É através dessa interação que ocorrem as transformações. Sem o conhecimento não há interação e esse indivíduo passa a ser excluído, alienado, pois “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p.68).

Relembrando o empenho da minha mãe pelos estudos dos seus filhos, percebo que vem ao encontro com esse pensamento de Paulo Freire. No seu inconsciente e por experiência própria ela sabia os rumos que nossas vidas seguiriam caso não nos oportunizasse estudar. No caso do meu irmão, naturalmente, por ser homem, ganharia o mundo. Crescendo num meio machista certamente, eu e minhas irmãs seríamos submetidas aos olhares preconceituosos e moralistas vigente na época.

A coragem e a determinação da minha mãe, diante do mundo machista em que ela estava inserida, permitiram que suas filhas também ganhassem o mundo. Minha mãe rompeu com essa cultura inspirada em seus irmãos que já haviam migrado para a cidade na busca de oportunidades que a vida no campo não possibilitava mais, como era o caso da escola.

Com sua sabedoria, ela sempre falava que os filhos são criados para o mundo, pois é preciso aproveitar as oportunidades de crescimento pessoal que a vida oferece. Para ela, estudar era a única forma das suas filhas conquistarem a liberdade, pois através dos estudos poderíamos ingressar no mundo do trabalho.

Sabidamente, ela levou-nos acreditar que trabalhando teríamos maior liberdade e independência em nossas escolhas.

Como naquela época não era oferecido transporte escolar, realidade de algumas localidades nos tempos de hoje, não restava outra saída senão migrar para a cidade, pois lá, havia melhores oportunidades e mais tarde, após concluirmos os estudos, poderíamos trabalhar e ter salário. Nesse período começaram as mudanças na estrutura da minha família. Meu irmão acabou indo morar com nossos avós paternos, e uma tia assumiu a responsabilidade de cuidar da minha irmã. Talvez esse seja o motivo pelo qual não guardo lembranças da minha infância com eles.

Deve ter sido um período difícil para a mãe, mas lembro que seu desejo era que deixássemos a vida do campo pelos estudos, assim, segundo suas palavras, seríamos *alguém na vida*, como se morador do campo não fosse ninguém. Na verdade, sua vontade, expressada por essas palavras, era evitar que seus filhos, passassem pelas mesmas dificuldades as quais ela havia passado, pois “[...] a narrativa está sempre relacionada ao sujeito, à sua vida e aos sentidos que constrói sobre os eventos vivenciados.” (SALVA, 2008, p.32). Nascida e criada no campo, ela teve uma vida de muito trabalho e alguns sacrifícios. Então, a mudança dos valores e costumes ligados a cultura da vida no campo foi sendo inevitável por conta da conquista de novos conhecimentos. Mesmo assim, apesar do pensamento avançado de minha mãe, os caminhos traçados pelas filhas mulheres foram diferentes dos homens. O meu irmão, mesmo sem concluir o ensino médio, tornou-se um comerciante bem sucedido na cidade, enquanto eu e a Tânia só vimos a possibilidade de crescimento pessoal e independência financeira através da continuidade dos estudos. E, para acompanhar às exigências de trabalho do seu marido, a Luce necessitou mudar-se de estado. Involuntariamente, submetendo todos nós ao afastamento do seu filho durante a fase do seu desenvolvimento. Mudança essa, muito comum às mulheres que ao casarem-se, naturalmente, percorrem outros caminhos na companhia do seu cônjuge em detrimento da vivência próxima aos seus familiares. Não é meu objetivo aprofundar essa questão, mas a boa relação familiar e a proximidade dos parentes, tanto de primeiro, quanto de segundo e terceiro graus é fundamental para que a criança tenha um desenvolvimento com maior segurança afetiva. Ao se aproximar a hora da minha partida, em uma das visitas que fiz à minha irmã, o meu sobrinho pediu a ela: *mãe*

vamos voltar pra Rosário, assim a gente não fica com saudades quando as pessoas vão embora.

Os homens, geralmente por já estarem vinculados profissionalmente colocam a mulher numa situação de pouca escolha, e ela, como é naturalizado numa relação conjugal, parte em sua companhia, mesmo que se sentindo dividida em sua escolha. Essas situações são vivenciadas por muitas famílias. Em muitos desses casos foi a mulher quem fez a opção e cedeu em sua vontade para acompanhar o cônjuge.

Essas escolhas, geralmente não são feitas pelos homens por uma série de fatores como já possuir uma vida profissional estável, a facilidade de acesso ao mundo do trabalho e o ganho salarial mais vantajoso.

Os comportamentos, sentimentos, valores e atitudes condizentes a um sexo e não ao outro, seria parte de um julgamento social, muitas vezes embasado em estereótipos, que ditam configurações sociais, geralmente, norteadas pelas diferenças anatômicas e nada mais. (SANTOS, 2008, p.9).

Assim, diante dessa relação de gênero e de seus desejos pessoais como o casamento, recai sobre a mulher o cuidado da família e dos afazeres domésticos, dificultando a formação escolar e o ingresso no mundo do trabalho. Das cinco mulheres envolvidas na minha pesquisa, duas delas passaram por experiência semelhante. Por volta dos seus 15 anos a Dali¹ casou-se, interrompeu os estudos e mudou-se para Porto Alegre, onde seu marido trabalhava.

Seguindo os passos da mãe, Iza mudou várias vezes de cidade.

"[...] fomos morar no jóquei clube de Santo Cristo, onde nossa mãe fez questão de conseguir bolsa para matricular eu e meus irmãos em colégio particular [...] Por convite e insistência de um irmão de minha mãe, meu tio, vim morar em Santiago com ele e sua família. Neste ano reprovei na escola, repeti o ano seguinte e minha mãe me chamou de volta para casa, foi. Eles já residiam em Juruá. Vim de volta para Santiago morar com minha irmã mais velha para ajudá-la. Terminei a 7ª série [...]. Meus pais vieram de muda para Santiago, sempre morando em jóquei, voltei a morar com meus pais. Terminei o 1º grau, na época, ensino fundamental, agora" (Iza).

¹ Usei nomes fictícios para preservar a identidade das mulheres.

Os pais da Iza mudavam-se constantemente de cidade por conta do ramo profissional que o seu pai atuava. Sempre estabeleciam endereço nos jóqueis clube, em cada cidade que iam. A mãe da Iza, como a minha demonstrava empenho pelos estudos dos filhos, porém vivendo de um lado para outro, a Iza não obteve muito sucesso na vida escolar até que engravidou enquanto cursava o 2º ano do ensino médio.

“[...] engravidei, estava no 2º ano do ensino médio, reprovei. Meu futuro esposo me disse que como eu tinha reprovado teria de parar de estudar, pois faltava dois anos para concluir e íamos morar no interior da cidade, onde moramos até hoje.” (Iza).

Iza que ainda não havia completado sua formação escolar, não trabalhava. Preparando-se para ser mãe, teve que optar por morar na zona rural para acompanhar o marido. Tanto Iza como Dali interromperam os estudos por conta de mudanças relacionadas ao trabalho dos maridos, inevitavelmente, assumindo os afazeres domésticos e os cuidados da família.

Mudanças como essas não são muito comuns aos homens. São as mulheres que “seguem” os seus maridos. Assim, também não é muito comum vê-los em papéis invertidos, envolvendo-se mais nas tarefas domésticas enquanto suas esposas saem para trabalhar em outras áreas, que não as relacionadas ao trabalho doméstico.

Mas, em relação à educação escolar e profissional ainda há uma grande dívida do Brasil com essas mulheres, consequência da política de controle e manipulação nos tempos da colônia. Com pouca instrução e sem qualificação profissional, as mulheres com faixa etária mais elevada ingressam no mundo do trabalho, submetendo-se aos baixos salários e exercendo atividades que, até bem pouco tempo, eram exercidas apenas pelos homens como é o caso da construção civil, das cobradoras ou motoristas de ônibus, taxistas, carteiras, entre outras. Em algumas localidades essas mulheres também têm marcado presença nos cursos do PROEJA - Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos que normalmente são oferecidos aos homens como o curso de Eletromecânica e Mecânica Industrial, procurando compensar o atraso escolar e a aquisição da capacitação profissional através desse programa de ensino.

Os programas de educação de jovens e adultos, no Brasil, têm oportunizado a formação escolar dessas mulheres, permitindo a conclusão dos seus estudos, impossibilitados enquanto mais jovens por razões relacionadas ao casamento ou trabalho para ajudar no sustento da família e algumas vezes, proibidas de estudar, pelo pai, pelo fato de ser mulher.

Integrando a formação escolar e profissional, o PROEJA - Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos pode contribuir na formação escolar dessas mulheres, abrindo portas para o mundo do trabalho e possibilitando uma formação que vai ao encontro das novas exigências do mundo do trabalho, como é o caso do PROEJA Info, área bastante requisitada nos mais diversos sistemas de ensino.

O PROEJA surge através da luta dos movimentos sociais que pressionaram o governo a devolver ao cenário educacional a possibilidade legal da oferta da formação profissional integrada ao ensino médio.

O PROEJA foi apresentado como um programa governamental que pretende transformar-se em política pública inovadora e de caráter estratégico para a redução das desigualdades sociais e o fortalecimento da cidadania na sociedade brasileira, mediante ações voltadas para a elevação dos níveis de escolarização e profissionalização da população, sobretudo do amplo contingente de jovens e adultos que em sua idade correspondente não concluiu a educação básica (BRASIL, MEC, 2007).

Inicialmente, o PROEJA propôs retomar a oferta pública do ensino médio integrado à educação profissional técnica e a valorização e ampliação da EJA – Educação de Jovens e Adultos, como programa oferecido pela rede federal de educação no nível de ensino médio. No entanto, o Governo Federal ampliou a oferta do PROEJA através do decreto 5.840/06 transformando-o em um programa nacional de educação profissional e não mais limitando a abrangência dos cursos ao ensino médio com educação profissional técnica de nível médio. Nessa perspectiva, o PROEJA passa a ser oferecido, pelas redes municipais e estaduais de ensino, no nível fundamental e médio.

Relegadas a certo descaso político e com pouco incentivo do governo através de políticas próprias e de formação continuada de professores, a EJA assumiu, ao longo da sua história, características de pouca qualidade, formação aligeirada e crescente evasão escolar. Valorizando a compensação da defasagem escolar, não se obteve a valorização por meio da formação continuada dos professores a fim de

que fosse oferecido um ensino com uma metodologia diferenciada. Como alternativa o governo federal propõe que a educação escolar seja integrada à educação profissional, já ancorada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96.

Ao integrar a formação escolar com a formação profissional, o PROEJA visa a inclusão de cidadãos através da formação humana. Essa concepção de educação pretende promover mão de obra qualificada, profissionais polivalentes, com espírito de liderança, autonomia e capacidade para perceber e resolver problemas. Sobretudo que mantenham boas relações interpessoais. A pretensão do PROEJA vai ao encontro da formação integral dos sujeitos numa concepção de trabalho, ciência, tecnologia, cultura geral e humanismo, respeitando as características dos estudantes jovens e adultos trabalhadores (BRASIL, 2006).

Diante da complexidade de uma proposta de trabalho pedagógico cujo currículo integrado requer, na sua essência, o desenvolvimento humano, as principais preocupações que dão garantias da consolidação desse programa é a formação continuada dos professores e a permanência e conclusão dos estudantes que frequentam os cursos do PROEJA. A relação trabalho, família e escola representam um árduo desafio para a maioria dos estudantes adultos, especialmente para as mulheres quando consideradas as únicas mantenedoras do lar e o cuidado com os filhos.

A formação continuada dos professores que irão atuar no PROEJA é fundamental para a implementação de um trabalho pedagógico viável e eficaz na sala de aula. Desempenhar o compromisso pela formação de estudantes trabalhadores, com histórico de exclusão ao longo de suas vidas, geralmente com deficiência na formação escolar não é tarefa fácil para muitos educadores. Exige leitura, conhecimento e um saber fazer que vai além dos conteúdos específicos de cada componente curricular. Dando garantia da continuidade e conclusão dos cursos pelos estudantes.

Fazer uso das novas ferramentas de comunicação e informação no ensino não pode mais ser adiado, devendo fazer parte da formação continuada dos educadores como estratégia para fomentar o conhecimento dos estudantes e a capacidade de reflexão da realidade na qual estão inseridos. A internet e as redes de comunicação fazem parte da navegação doméstica e são do interesse das camadas populares, transformando a vida dessas pessoas. Possibilitar o acesso às

novas tecnologias é dar condições permanentes de inserção dos estudantes jovens, adultos e trabalhadores, no mundo globalizado. Mas, tudo isso requer formação e capacitação para os professores e acesso a todas as camadas da população.

Nesse sentido, as novas relações profissionais exigem saberes que vão além da experiência na profissão, inclusive para os educadores. Vivemos um momento que a inovação da tecnologia é fato e tem marcado presença na vida da maioria da população brasileira. Utilizar os recursos de aprendizagem, na abordagem dos conteúdos escolares contribui para a significação e construção dos conhecimentos desenvolvidos em sala de aula, promovendo a autonomia, o olhar crítico e inclusão dos estudantes do PROEJA na sociedade da informação. Dessa forma, a implantação do PROEJA requer mais investimentos na estrutura da escola pública por meio de laboratórios e através da formação continuada e capacitação dos educadores.

1.2 Na escola, (re) construindo sonhos

Minha pesquisa com as mulheres no PROEJA foi motivada pela empatia com a presença das mulheres com mais idade, nas minhas aulas, na EJA. Com história de atraso escolar, mães e trabalhadoras da esfera doméstica ou diaristas, notei que muitas delas, como eu, residiram na zona rural, mas não tiveram a oportunidade de dar continuidade aos estudos, como eu tive. Percebia ainda, que a interrupção dos estudos se dava, também, por conta do casamento, às vezes cedo demais. Ou, por necessidade de trabalhar e ajudar no sustento da família. O trabalho, geralmente, era relacionado à esfera doméstica como empregadas domésticas ou babás. E ainda, muitas delas não eram respeitadas pelo pai quando demonstravam o interesse pelos estudos. Nessa concepção, por ser mulher, não fazia falta estudar restando-lhe então dedicar-se ao casamento. Geralmente, são mulheres que se afastaram da escola por cerca de 20 anos ou mais, sem jamais imaginar que um dia retornariam.

Decidida pelo tema, refletia sobre onde buscar essas mulheres, sujeitos dessa pesquisa, já que havia o interesse de focar a investigação em PROEJA - Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade Educação de

Jovens e Adultos devido a relação com o Curso de Especialização em PROEJA. Assim, levei em conta que as minhas alunas serviriam de inspiração para os meus escritos.

Motivada pelas minhas alunas da EJA, iniciei a pesquisa, informalmente, no último dia do Fórum Estadual de Pesquisas em PROEJA, realizado em novembro de 2010, nesta instituição de ensino. Até então, eu refletia sobre como eu percorreria os campi do IFF - Instituto Federal Farroupilha da nossa região na busca de um número expressivo dessas mulheres.

Nesse dia, conheci a There, estudante do PROEJA Informática, em um dos institutos da nossa região. Demonstrando-se comunicativa, determinada e muito entusiasmada com as possibilidades de acesso ao conhecimento, There se mostrou uma mulher de muita coragem. Ela não hesitou ao pedir o microfone, em meio a uma plateia, para uma reflexão a cerca dos interesses de todos os estudantes de PROEJA.

Ao apresentar-me a ela e falar sobre o meu objetivo de pesquisar a presença das mulheres, no PROEJA, There não apenas colocou-se a disposição para contribuir com a pesquisa como ainda indicou suas colegas de curso, com faixa etária distintas, mas com histórias de vida e percurso escolar de acordo com os meus objetivos, na pesquisa. Durante nossa conversa, notei que There parecia uma mulher rara. Ela irradia motivação! Tem opinião própria, luta pelo seu espaço e sabe expor suas idéias com uma clareza fora do comum para quem possui uma história de atraso escolar.

Assim, ao apresentar-me no instituto, conheci: a Cida, a Dali, a Iza e a Lina. Mulheres que se tornaram protagonistas na pesquisa e que são companheiras das atividades estudantis. Em comum, todas são casadas, mães e ocupadas com seus afazeres domésticos. A maioria delas realiza alguma atividade remunerada, com ou sem vínculo empregatício.

There retornou à escola para concluir o ensino fundamental através da EJA – Educação de Jovens e Adultos, após 15 anos de afastamento. Ela representa a única estudante da sua turma a dar continuidade aos estudos. Os demais, desmotivados diante da realidade apontada por alguns professores em relação à permanência e seguimento nos estudos por parte dos estudantes da EJA, foram evadindo-se aos poucos. *“Não que os professores fosse ruim, não é isso. Eles eram tudo bom. Falavam pra motiva nós, mas os outros foram desistindo.”* (There).

Comumente, os estudantes da EJA, que possuem uma história de atraso escolar motivada por fatores diversos como os relacionados à indisciplina, família ou pela necessidade de trabalhar cedo, compondo a renda familiar, também enfrentam dificuldades da ordem emocional e relacionados a baixo autoestima. Para essas pessoas, às vezes, o estudo não representa a melhor oportunidade, mas sim um caminho necessário de ser percorrido para a conquista de novas possibilidades.

Enquanto professores, e mesmo com boas intenções ao desejá-los a par das estatísticas de evasão escolar, quando se trata de estudantes da EJA, é preciso fazer um contraponto desses índices realizando um trabalho diferenciado e significativo à realidade desses estudantes. Trabalhar os conteúdos de algumas disciplinas, como é o caso da Matemática, disciplina em que atuo, sem relevância para eles e sem identificar os seus erros de forma construtiva, contribui para a elevação dos índices de evasão escolar. No início da minha carreira no magistério, uma das grandes preocupações que tive foi aprender a dar significado para o conhecimento transmitido de modo que minhas aulas tivessem maior sentido para os estudantes. Frequentar um curso de especialização em ensino de Matemática foi de grande importância na minha formação, pois contribuiu para nortear o meu trabalho com maior segurança.

É necessário que o professor desenvolva habilidades para abordar questões que fogem dos conteúdos do seu componente curricular para que não haja uma interpretação equivocada por parte dos estudantes. A abordagem, na sala de aula, de questões relacionadas à formação pessoal requer aprimoramento profissional por parte da maioria dos professores, pois ainda formamos professores através de uma cultura tradicional e baseada nos conteúdos disciplinares.

A There seguiu seus estudos por insistência própria. Há nela um intenso desejo pessoal de aprender. Desejo que é capaz de movê-la na busca de novos horizontes como a realização de um curso superior. Cursar Psicologia pareceu-me uma questão de tempo e não de barreiras impostas pelo cotidiano. There tem muita vontade de estudar, quer seguir adiante nos estudos. Vai fazer vestibular para formar-se psicóloga.

O interesse da There pelos estudos é semelhante ao desejo e empenho da minha mãe pelos estudos dos seus filhos. Apesar de residir em outro município e viajar cerca de duas horas por dia até o instituto, em momento algum ela deu demonstrações disso ser uma dificuldade para seguir os seus estudos. Durante esse

tempo ficam seus filhos e esposo a sua espera noite após noite, mas ela conta com o apoio deles e principalmente, o incentivo do seu marido. Durante o dia, segue de ônibus até uma fazenda, onde trabalha na produção de doces. É nesse ramo que ela atua enquanto a casa e demais tarefas ligadas ao lar são administradas pelo marido, acordo feito entre eles após perderam o primogênito com apenas 5 anos de idade, em um acidente em casa.

There e Iza são mulheres que se superam diante de fatos tristes que marcam uma história de amor entre mãe e filho. Iza, ainda derrama lágrimas e tenta viver um dia após o outro cultivando as boas lembranças do filho que recentemente partiu, tragicamente. Como já faz alguns anos, There já consegue viver sem a presença física do filho amado de forma mais natural, mas nem por isso sua dor é menor.

Eu, diante delas, tentando descobrir as motivações da presença de cada uma no PROEJA, fui surpreendida diante de duas mulheres que superam desafios dia após dia, pois nem as lembranças tristes da perda de um filho as fizeram desistir da caminhada e projetar sonhos para o futuro. Jamais me passou a ideia de ouvir relatos dessa natureza. Ao longo da minha jornada e por conta das opções que faço para a minha vida, decidi não ser mãe, portanto é difícil colocar-me no lugar de uma mãe que convive com a ausência física de um filho. Mas, nem por isso me senti menos sensível ao sofrimento dessas mães. Perder um filho, em qualquer circunstância deve ser muito doloroso para uma mãe. Mas elas compreendem que as faces da vida nem sempre são positivas. Entendem ainda que a sabedoria consiste em saber viver e conviver com as contradições que a vida nos apresenta como lições.

Assim eu vejo a vida

*A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida*

*e delas me sirvo
Aprendi a viver.*

Cora Coralina

Preparando-me para a pesquisa, imaginava ouvir histórias sobre dificuldades materiais, afetivas e de relacionamento familiar como as que costumo conhecer através das minhas alunas.

Por tratar-se de uma cidade pequena cuja cultura, geralmente, é alicerçada na moralidade e bons costumes e as relações familiares enraizadas na base dos ensinamentos dos que antecederam, as famílias, por tradição devem ser constituídas por laços mais firmes de amor e respeito. As minhas alunas da EJA, em geral, são oriundas de uma cultura em que o desrespeito à imagem da mulher fragiliza os relacionamentos e motiva o rompimento dos relacionamentos amorosos, quando não seguidos de violência física.

Durante a pesquisa, percebi nas falas que a base de toda força, coragem e entusiasmo na busca dos sonhos está nos valores transmitidos por suas famílias, especialmente os pais, durante a infância. Esses mesmos ensinamentos constituem os elementos fundamentais na constituição das próprias famílias.

“Meus pais amorosos e dedicados me pegaram pela mão e me conduziram vida a fora. Deles trago os valores, a base familiar, eles me deram o caráter e a nobreza de sentimentos que o ser humano é capaz de ter, são meu exemplo de vida, minha eterna gratidão.” (Lina).

Essa concepção de valores e educação no seio da família também tem um significado muito forte para There quando se refere ao seu pai.

“[...] embora analfabeto sempre me dizia: filha, se algum dia para você ser alguém no mundo, você tiver que pisar, humilhar, roubar ou desdenhar não siga este caminho, volte que Deus sempre há de te dar teu lugar. Porque não é enganando, maltratando, humilhando os outros que alguém alcança um lugar digno de se orgulhar de si mesmo, perante a sociedade.

Assim eu cresci, ouvindo ele me falar constantemente as mesmas palavras; fato que hoje lhe sou eternamente grata; pois sigo seus preceitos e consigo chegar onde estou.” (There).

A boa conduta e o caráter das pessoas são independentes da escolarização, mas a educação escolar tem um papel fundamental na vida das pessoas, pois contribui para a socialização. Para algumas pessoas a escola é o único espaço dessa convivência social. A Iza e a Lina retornaram à escola em um momento que já tinham cumprido com os seus papéis como mães. Agora, decididas a cuidar das suas vidas, dedicam-se a compensar uma lacuna que havia ficado para trás.

“Hoje com as filhas grandes uma já formada na faculdade, e a outra quase terminando o ensino fundamental, resolvi voltar a estudar, enfrentando várias dificuldades talvez pelo tempo que passei afastada da escola.” (Lina).

A Iza, depois de muitas andanças e trocas de escola, ao mudar-se com a sua família, interrompeu os estudos quando frequentava o 2º ano do ensino médio. Grávida, casou-se e foi morar no campo por conta dos interesses profissionais do marido que trabalhava como tratador de cavalos. Os tempos foram passando e ela dedicando-se aos cuidados dos filhos. Agora, retornou à escola para cuidar da sua vida. “[...] fiquei só em casa, pois o esposo começou com a compra e venda de gado. Fiquei só e decidi que tinha que fazer alguma coisa por mim.” (Iza).

A Iza, mesmo convivendo com a dor da perda do filho e superando a si mesma, dia após dia, considera-se uma mulher vitoriosa. O PROEJA tem um significado especial para a sua vida, pois o envolvimento com o curso contribui para que ela mantenha o otimismo diante da vida. Estudar a faz sentir-se viva. Ela expressa bem a presença dessas mulheres no PROEJA: *“Todas nós somos vitoriosas por estarmos aqui. É uma vitória pessoal de continuar na luta.”* Sua trajetória escolar passou por vários caminhos e locais. Aos 21 anos casou-se e passou dedicar-se à família e aos cuidados dos filhos. Hoje, com 45 anos de idade, mora na fazenda, faz cucas para vender, ajuda o marido nas lides do campo e ainda participa de trabalhos voluntários. Com os filhos crescidos e sem envolvimento com a casa, voltou a estudar, porque *“estudar faz a gente sentir-se vivo. Trabalhar já fez*

falta, mas hoje tô mais voltada para trabalho voluntário.” (Iza). Ainda não sabe se dará continuidade nos estudos, mas entende os significados do PROEJA na sua vida como uma possibilidade que vai além dos conhecimentos adquiridos. No curso ela tem a oportunidade de conhecer outras pessoas, conversar e esquecer as fases difíceis impostas pela vida. A socialização e a integração com pessoas, diferentes do seu cotidiano, contribui para que ela sentir-se mais viva e atuante.

Essas mulheres com defasagem escolar se empenham para compensar uma época das suas vidas que, por uma razão ou outra tiveram que interromper seus estudos. Da mesma forma que eu enfrentava a correria do trabalho para a sala de aula, elas também precisam driblar o tempo para dar conta da família, afazeres domésticos e trabalho. Enquanto eu corria na tentativa de atender a tudo, meus chefes ficavam com o lucro maior como possivelmente ocorre com a maioria dessas mulheres que ainda lutam por uma conquista profissional. Muitas vezes havia a valorização enquanto profissional competente, porém o investimento financeiro agregado a bons salários, não correspondia. A vontade de “voar” sozinha se tornava maior. Eu não queria mais obedecer às ordens. Precisava de autonomia. Essa angústia pessoal é bastante presente no cotidiano das minhas alunas da EJA. Mesmo sem levar em conta a questão idade e o meio em que trabalham, elas convivem com a insatisfação profissional e o desejo de concluir os estudos como tentativa de buscar alguma coisa que as realizem mais pessoal e profissionalmente.

Porém, contrariando as experiências que obtive com as minhas alunas da EJA e até minha própria imaginação, conheci mulheres com histórias mais felizes. Mulheres que simplesmente vivem cada fase das suas vidas. Mulheres que aproveitaram a infância e lembram-se dela como o alicerce na construção do que se tornaram no presente. Mulheres que brincaram, mas por outro lado, desde cedo se tornaram mães de filhos alheios. Mulheres que enfrentaram dificuldades e que sofreram, pois o sofrimento também faz parte da vida.

A There, filha mais nova, com 8 anos de idade, já cantava canções de ninar para um sobrinho. Sua infância foi marcada pelas ausências do seu pai. Trabalhando como lenhador e pescador, ele passava dias no mato atrás do sustento para a família. Ela, sempre atenta e seguidora dos ensinamentos do pai, desde cedo ajudava a família na venda dos peixes trazidos pelo seu pai.

“Meu pai era lenhador e pescador vivia mais no mato que na cidade, quando ele chegava com os peixes eu e outro irmão, tínhamos que vendê-los, recordo a fatura que isto nos trazia, tristeza me dava quando pro mato ele voltava pois por ser a mais nova, quando a fome apertava eu que aos vizinhos ia a fim de trocar verdura por pão, não que disse me envergonhasse somente não gostava de os outros maiores do que eu ficassem em casa esperando enquanto que eu tinha que buscar.”(There).

Na condição de filha mais nova, There não via saída. Quando terminava o estoque de comida, na ausência do pai, era ela quem saía trocando as hortaliças da horta cuidada por sua mãe, por mercadorias. Embora submetendo-se aos apelos da família por conta da necessidade de alimento não era tarefa fácil para uma menina, mas era ela, a mais nova, a incumbida disso. *“Sempre fui muito cobrada em questões de responsabilidade, que me fez amadurecer precocemente.”(There).*

There era uma menina a andar pelos vizinhos e armazéns do bairro cumprindo o que lhe cabia para contribuir com a família enquanto os seus irmãos mais velhos se envolviam com outras tarefas, certamente entendidas como designadas aos homens.

[...] não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas. (PRIORE, 2010, p.445).

Lina e There sabem disso. Aos 8 anos de idade, ambas já assumiam responsabilidades com atividades relacionadas à maternidade ou aos cuidados do lar de outras famílias. *“Assim que a criança adquiria alguma condição física para cuidar da sua própria sobrevivência, era misturada aos adultos e partilhava com estes as atividades desenvolvidas na comunidade.” (MAGALHÃES, p.58, 2001).*

Porém, mesmo diante de compromissos tão marcantes para uma criança, elas contam que tiveram boa infância, pois foram muitas as brincadeiras. *“Minha família é pequena, somos três irmãs, tivemos uma infância maravilhosa, época muito feliz de muitas brincadeiras, risos e bonecas.”(Lina).*

As pequenas coisas da vida, como as brincadeiras de criança, são as que nos reservam melhores lembranças. A Lina relembra da sua infância com alegria,

mesmo trabalhando desde criança nas casas das pessoas ou como babá para ganhar seus trocados.

Minha infância também foi marcada por muitas brincadeiras de bonecas e brinquedos improvisados. Mas, após a mudança para a cidade, minha mãe preocupada em ajudar o pai a manter nosso sustento que vinha do campo, optou por deixar-nos morando sozinhos para que continuássemos estudando. Até então, ela morava conosco e nas sextas-feiras, após o término das aulas, pegávamos o ônibus para o final de semana no campo.

Nova fase em nossas vidas, desafio maior para os manos mais velhos, principalmente para a Tânia, a mais velha das manas, que além dos estudos assumiu todas as tarefas da casa. Ela cozinhava e ainda ajudava a cuidar das roupas de todos nós, inclusive as reservadas para passeio, nos finais de semana, pelo mano. Quando a mãe vinha para a cidade ela tratava de deixar tudo arrumado. Mas, diante da impossibilidade de vir, ela fazia as recomendações para que não nos descuidássemos das roupas dele. As tarefas da casa eram divididas entre nós, meninas, mas a Luce que é a mais nova não se comprometia muito com os afazeres da casa e o mano, por ser homem não fazia parte dessa rotina. Era do entendimento da mãe: tarefas domésticas são atribuições de mulher enquanto o homem precisa sair para trabalhar. Assim fazia ele. Depois que a Tânia descobriu seus dotes culinários, sempre que havia alguma folga do trabalho, era ele quem preparava o nosso almoço.

Certamente a Tânia por estar mais a frente de toda a responsabilidade sentia-se mais sobrecarregada. Além disso, ela também tinha seus compromissos escolares. Sempre questionava a falta de colaboração do mano na organização da casa. Certo dia, nossos pais foram surpreendidos por ela exigindo pagamento de salário pelos serviços prestados em casa. Obviamente, ela não recebeu, mas antes de completar os 20 de idade conseguiu a independência financeira.

Essa conduta masculina é uma relação de gênero que passa por valores culturais e ainda persiste na maioria das famílias nos tempos atuais, muitas vezes obrigando a mulher, trabalhadora em outras áreas, fora do lar, triplicar sua jornada diária. Cozinhar, lavar e cuidar da higiene da casa são tarefas necessárias ao gerenciamento da vida das pessoas. “Somos construídos por processo culturais, portanto podemos nos transformar diante de papéis apontados pela sociedade como masculinos ou femininos.” (MAGALHÃES, 2001, p. 51).

Sempre trabalhando no lar, porque as tarefas domésticas também representam trabalho, desde cedo a Lina luta por um espaço que ela mesma não devia saber qual era. Estudar era um sonho acalentado. E ela demonstra ser uma mulher que não costuma abandonar os seus sonhos. O retorno à escola aconteceu em um momento que sua vida lhe dava a oportunidade de olhar para si mesma. Assim, aliada ao incentivo das filhas e do marido, decidiu retornar aos estudos, buscando a realização desse sonho.

Quando iniciou no PROEJA, ela chegava à sala de aula, depois de um exaustivo dia e sempre falava: *eu vô embora, eu vô embora*. Era de seu costume chegar à escola dizendo que ia ficar só um “pouquinho” como se estivesse procurando um sentido para sua presença na sala de aula.

A busca desse sentido se constitui como algo natural para quem esteve afastado por tantos anos dos bancos escolares. Ela, como a maioria das mulheres da sua época, era condicionada a uma cultura excludente e enraizada na figura da mulher, cujo papel resumia-se ao preparo para o casamento e a constituição da família em que o trabalho remunerado voltava-se para as mesmas aptidões.

Porém, diante da procura dos significados da sua presença na escola e o seu interesse pela realização desse sonho, as horas iam passando e a Lina, envolvida nas atividades propostas, ficava até o final. Não fossem sua coragem e persistência, aliada com a acolhida da escola e colegas de turma, poderia ter desistido. *“Eu me considero uma mulher de coragem. Se eu não tivesse coragem eu não tava aqui sentada. Eu vim pra estudar, mas achava que não ia consegui.”* (Lina).

A aprendizagem é um processo contínuo, capaz de gerar um desconforto pessoal, pois desacomoda emocionalmente o indivíduo. Aprender requer vontade. Nas salas de aula da EJA costumo falar aos meus alunos, quando demonstram ansiedade para recuperar o tempo “perdido”, que a prática diária do aprendizado, leitura e reflexão são fundamentais para o bom entendimento dos conteúdos desenvolvidos. A EJA em que atuo é presencial. Por isso, manter boa assiduidade, especialmente por parte dos estudantes com defasagem escolar, tem um significado muito maior para uma aprendizagem mais eficiente do que a frequência mínima “exigida”. O acompanhamento constante dos conteúdos, mesmo que apenas em sala aula, colabora para o sucesso escolar.

Durante minha graduação eu não percebia que passava por um processo de exclusão em alguns momentos da aprendizagem. Por conta do meu trabalho, não

conseguia participar da maioria dos grupos de estudos. Com isso, eu sentia que não tinha as mesmas oportunidades que os meus colegas tinham para aprender. Talvez eu mesma não compreendesse as necessidades da minha ausência desses encontros. Mas minha vontade era fazer parte daquela rotina acadêmica. Isso era quase vital na minha existência enquanto estudante. Senti um pequeno gosto dessa vivência apenas no último semestre. Criei coragem e pedi demissão do meu emprego. Fiz um planejamento de vida para os próximos seis meses e passei a viver a vida que eu gostaria: apenas estudar. O dinheiro que recebi das indenizações trabalhistas era suficiente para o período. Dediquei-me ao trabalho de conclusão do curso, às disciplinas que faltavam e ao último estágio curricular. Concluí a graduação e logo fui aprovada em um concurso para professor da rede estadual. Antes da nomeação assumi um contrato temporário para 40h, no qual exerci minhas atividades paralelas à efetivação que veio logo a seguir.

Às vezes, a vida impõe alguns obstáculos, nos exclui dos processos e não percebemos. Nos processos escolares isso não é diferente. Andrade (2011) destaca na sua pesquisa os discursos relacionados à escolarização e apresenta na sua análise que ser escolarizado contribui para o sujeito sentir-se incluído nos processos, enquanto ser pouco escolarizado coloca o indivíduo como não sujeito, desconsiderando todas as outras possibilidades de ser e estar no mundo. Percebo nesse discurso, que por conta de todos os fatores de exclusão, esse sujeito não escolarizado não se vê como cidadão, pois ele apenas está no mundo, mas dele não pode participar como trabalhador, gerador de bens necessários à vida e renda para que ele mesmo possa adquirir melhores condições para uma vida com mais dignidade.

O PROEJA visa uma formação escolar e profissional voltada à inserção do sujeito numa sociedade capitalista, porém, através da formação humana busca promover a cidadania de forma que ele possa sentir-se incluído e participante de todos os processos da vida.

A Lina, sentindo-se meio deslocada e um pouco tímida, no início das aulas no PROEJA, não interagiu muito com os colegas de turma, mas hoje ela participa de um grupo de estudos que também faz parte das suas relações pessoais e planeja com o marido, os preparos para a sua formatura. *“Daqui uns dias tu vai começa a paga as coisas pra minha formatura.”* (Lina).

O retorno à escola provocou um movimento na vida da Lina. Não que sua vida fosse parada, mas porque ela aprendeu a conhecer-se, a sentir-se parte do processo e deseja além disso ao planejar a sua formatura.

A “sociabilidade” também aparece como algo muito importante para elas. No último encontro, propositalmente fui ao refeitório, apenas para observá-las durante a refeição que é servida antes do início das aulas. O jantar também propicia momentos de encontro entre colegas e porque não dizer amigos. Elas combinam de encontrarem-se no refeitório. Programam-se para isso como uma ida ao restaurante.

Essa convivência é resultado do sentimento de solidariedade entre boa parte dos estudantes do PROEJA, no IFF. A Lina sempre preocupada com a casa expressa bem isso. Sentindo-se mais ambientada, hoje, a escola representa um espaço de acolhida, pois, *“aqui eu consigo esquecer os problemas e a preocupação com a casa.”* (Lina).

Em relação ao significado pessoal do PROEJA na sua vida, ela, de forma muito objetiva, respondeu-me que através do PROEJA conseguiu encontrar-se com ela mesma: *“inicie o curso tímida, sentava no fundo da sala, agora já sento bem na frente.”* (Lina). O sujeito vai sendo constituído a partir da reflexão de si mesmo, pois a constituição do indivíduo é inseparável do autoconhecimento. A relação da pessoa com ela mesma produz efeitos sobre suas vidas, sobre o seu desenvolvimento enquanto pessoa inserida num mundo de relações.

A constituição do sujeito é inseparável do exercício do conhecimento de si, da reflexão de si; essas são formas da relação da pessoa consigo mesma, produzindo efeitos sobre suas vidas, constituindo e multiplicando a ‘experiência de si (ANDRADE, 2011, p. 202).

A experiência vivenciada pela Lina constitui um dos princípios da formação proposta pelo PROEJA - uma educação que busca o desenvolvimento integral de todas as potencialidades humanas. Potencialidades que possam resultar na autonomia e emancipação dos sujeitos de tal forma que consigam transformar a realidade na qual estão inseridos. “[...] a educação integrada fundamenta-se na compreensão de que os sujeitos são potencialidades intelectuais, afetivas, estéticas e físicas e que é preciso fomentar processos pedagógicos que as desenvolvam”. (CASTRO; MACHADO; VITORETTE, 2010, p. 159).

Com uma proposta de currículo integrado, o PROEJA requer de nós professores, a sensibilidade e a empatia pelo outro, compreendendo e respeitando

as diferenças do estudante trabalhador. Um olhar diferente é fundamental na profissão professor. Não basta eu ser a professora mais bem informada e com o maior acúmulo possível de conhecimentos se, por outro lado, não desenvolvo o olhar humano com seriedade e respeito.

A Educação Integrada é mediadora na reaproximação dos conhecimentos específicos e gerais e destes com os processos históricos e culturais que os constituíram; é por fim, indutora das relações entre sujeitos, na medida em que esta é condição basilar para a reintegração do indivíduo consigo mesmo e com os outros (CASTRO, 2009, p. 159).

Mais especificamente, o currículo integrado proposto pelo PROEJA compreende que no decorrer da sua trajetória o trabalhador adquire conhecimentos práticos, através do exercício da função, no mundo do trabalho e, conhecimentos obtidos através das suas relações no cotidiano que devem ser articulados com os saberes escolares.

Os saberes escolares que correspondem à aprendizagem dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula são um desafio constante para todas as mulheres, mas não um obstáculo para que elas permaneçam no curso ou deem continuidade aos estudos após a conclusão do mesmo. Nos finais de semana, elas formam grupos de estudos para as provas e trabalhos, e ainda costumam improvisar alguns horários de estudo, em casa, sempre que necessário.

“As pessoas, assim como as plantas, são sementes lançadas na terra para germinarem, constituírem novas sementeiras, fundamentarem patrimônios através das raízes herdadas e cultivadas.

Sou a semente primeira plantada no interior deste município, germinada numa família de agricultores. Familiares que cultivavam a terra, mas sobretudo, o amor e a fé” (Cida).

Em forma de poesia Cida inicia o relato da sua história de vida no caderno que as dei de presente. Ela contou-me que o afastamento da escola ocorreu por conta da vontade de casar-se. *“Conheci meu marido, estudamos juntos e aprendemos a ter um único olhar para o futuro: construir uma nova vida após 4 anos de caminhada” (Cida).*

Quando iniciava o ensino médio, ela e seu futuro esposo eram colegas de turma. Antes de concluírem o 1º ano, decidiram interromper os estudos para

casarem-se. Dedicaram-se ao trabalho e a constituição da família, adiando os estudos por conta de uma vida *alicerçada no amor* ensinado pelos pais.

O casamento aparece como um destino comum a todas as mulheres com quem eu conversei durante a pesquisa. No primeiro contato, tive a oportunidade de conversar com a Da. Vina. Ela não fazia parte do PROEJA Info. Aos 66 anos de idade, aposentada, mas ainda trabalhando como costureira, Da. Vina retornou à escola, através do curso PROEJA Vendas com um único propósito: acompanhar uma das filhas, que tem 44 anos de idade e é deficiente. Ela demonstra vontade de trabalhar, por isso, apoiada pela mãe, ambas combinaram de frequentar o curso PROEJA Vendas.

Ao concluir a 5ª. Série, quando ainda era jovem, Da. Vina parou de estudar para cuidar dos irmãos menores devido o falecimento da mãe. Depois veio o casamento. O marido não a incentivava para os estudos, e ela acabou priorizando a educação escolar de outras duas filhas que já são formadas.

Possivelmente, não fosse o casamento, Da. Vina teria estudado mais, pois concluir a formação escolar era um desejo seu. Ela desejava estudar.

Considerando que a maioria delas demonstrava gosto pelos estudos e eram conscientes da importância do mesmo nas suas vidas é importante pensar os motivos que conduziram as mulheres a um destino comum. O casamento! Teriam essas mulheres, sido preparadas para isso? Numa época em que a mulher começou a transitar pelos espaços escolares com mais liberdade, o que as movia abrir mão dos estudos para dedicarem-se ao casamento?

O casamento representava um caminho único na realização pessoal da mulher. Motivada pela possibilidade da constituição da própria família e, por uma questão de responsabilidade mútua, o trabalho em vez dos estudos, passou a ser o caminho necessário para subsistência e organização do lar sonhado por Cida. *“Organizamos a nossa vida trabalhando, mas estudar ficou para mais tarde, como um sonho a ser implantado no futuro” (Cida).*

Realizada com a escolha que fez, Cida considera que a possibilidade de estudar, hoje, mesmo necessitando dedicar-se ao lar é uma forma prazerosa de viver. Antes, por falta de uma metodologia adequada cujo ensino se baseava nas disciplinas curriculares e nas várias formas de castigo, ela não tinha motivação para freqüentar a escola. Motivada pelo seu filho, decidiu retornar à escola através do

PROEJA cuja metodologia é mais dinâmica e significativa para o estudante adulto e com história de defasagem escolar.

E assim, em forma de poesia, ela continuou contando a sua história.

“Passou-se o tempo e a minha vida buscou inspirar nova vida: como forma de preservar raízes e expandir os ensinamentos que colhi... Então, tivemos como presente o nascimento de nosso filho, que com sua inocência de criança soube querer “colo” e “tempo”, tempo de cuidar desta plantinha...Com suas nescesidades de tudo parei de trabalhar, e estudar... uma vida nova exige um repensar um agir diferente. Mas hoje na sua vida de adolescente, inspirou-me a retornar minha vida no exato tempo onde parei: estudar de novo, buscar um conhecimento diferente e aprimorar os meus graças ao novo tempo aos acessos e o apoio da família que contribui com muito amor” (Cida).

Ao referir-se aos acessos, Cida reconhece o PROEJA como uma grande chance de concluir a lacuna escolar, na sua vida. Falou-me isso porque o ensino regular que ela frequentava não a motivava e não despertava o seu interesse. O dinamismo das aulas no PROEJA, relacionadas com outras áreas do conhecimento permite que ela veja mais sentido nos conteúdos estudados. Com isso, agora ela sente-se entusiasmada com a aproximação do término do curso e a conclusão do ensino médio. Cida não tinha a mínima noção de informática, decidiu fazer o PROEJA Info incentivada pelo seu filho. *“Não tinha interesse e não sabia nada de informática, hoje eu sei muitas coisas”* (Cida). Afirmando-se uma mulher de atitude perante a vida, embora não tenha pretensões de seguir seus estudos, pelo menos em curto prazo, sabe das suas capacidades. Considera-se com domínio das técnicas estudadas e apta a atuar na área, caso necessário.

Antes, estudar era uma obrigação. Hoje, sente-se feliz por estar concluindo uma importante etapa da vida. *“[...] estudava por obrigação, mas agora é prazeroso. Tenho prazer pela vida e pela casa”* (Cida).

Sua vida escolar teve início em uma escola rural, cujo acesso ela percorria a cavalo. Numa época em que a escola promovia o castigo, aprender consistia no rompimento do medo para possibilitar o conhecimento do novo.

“[...] crescemos eu e meus irmãos junto de meus pais, tendo energia do sol como fonte de luz, de vida e de esperanças. Muito cedo aprendemos a cultivar a terra, a entender a fase da lua, plantar e colher. E chegou a hora de buscar sabedorias novas” (Cida).

Na época do ginásio, ela precisou morar com outras pessoas, alheias aos costumes da família. Como eram costumes da época, os pais que desejassem propiciar estudos para os filhos, permitiam que saíssem pelo mundo na busca dos estudos. No caso das meninas, era comum elas trabalharem mais do que as pessoas da casa, pois dependendo da família, entendiam que faziam um favor ao dar moradia. Da mesma forma, foram tempos difíceis para a minha família e para Cida e sua família.

“Vim para a cidade morar com outras pessoas. Era difícil acompanhar o novo tempo; entender os costumes e contar os dias da semana para chegar o sábado e estar de volta na sementeira de amor que era minha família” (Cida).

A superação desses tempos vinha através dos sonhos idealizados pelos pais que sonhavam uma vida melhor para os filhos, através dos estudos.

A Cida é a única mulher das quais pesquisei que trabalha somente com as tarefas domésticas. Ela não exerce nenhuma atividade remunerada, dedicando-se exclusivamente à casa e ao curso que frequenta.

Diante de tantos sacrifícios enfrentados para estudar nos tempos do ginásio, hoje, ela consegue romper as barreiras do passado e acertar as contas com a sua formação escolar. A escola regular não despertava o seu interesse. Embora incentivada pelos pais, os métodos tradicionais de ensino motivaram o seu afastamento e a concretização de outros sonhos como a constituição da família. No PROEJA, ela vê a possibilidade de estudar de forma prazerosa, dinâmica e com mais interesse.

Mesmo que, após concluírem o curso de informática através do PROEJA elas não deem continuidade nos estudos, nessa área de atuação, o PROEJA tem um significado expressivo na vida pessoal de cada uma das mulheres. Algumas ingressaram enquanto procuravam outras áreas para atuar. E não se encontrando, não se identificando com as possibilidades que havia, optaram por frequentar o

curso de Informática. Outras, contando com o apoio e incentivo da família, se redescobriram no curso e passam a ensaiar os primeiros passos na nova descoberta, executando suas experiências nos próprios computadores. Elas demonstram sentirem-se mais seguras diante da certeza de estarem concluindo o ensino médio, pois estão ampliando as suas possibilidades de acesso ao mundo do trabalho.

Foi através do PROEJA que a Dali conseguiu um emprego como gostaria. Sem a conclusão do ensino médio ela não encontrava perspectivas de obter o próprio salário. Logo, ao ingressar no PROEJA, ela já conseguiu trabalhar na biblioteca do instituto e hoje, trabalha como secretária.

A Dali é a mais jovem das mulheres com quem conversei durante a pesquisa. Ela casou com 15 anos de idade, após concluir o ensino fundamental e logo mudou-se para a cidade de Porto Alegre, onde seu marido trabalhava. Aos 22 anos, tentou estudar novamente para concluir o ensino médio, mas, como não poderia ser diferente, o cotidiano das escolas, na capital, era muito diferente do que ela conhecia, no interior. Não se adaptou com as escolas da capital, adiou novamente os estudos. Nasceu o seu filho e após 11 anos, a família resolveu voltar para o interior, para sua terra natal. Hoje, a Dali prepara-se para concluir o ensino médio através do curso de informática no PROEJA. *“Aqui retomei meus estudos que foram de suma importância para minha vida por intermédio dos estudos arrumei meu trabalho, o que ajudou na minha autoestima”* (Dali).

Ao propor o currículo integrado como possibilidade de inovar pedagogicamente e contribuir para uma formação cidadã do indivíduo, abandona-se a perspectiva estreita de formação para o mercado de trabalho, para assumir a formação integral dos sujeitos, como forma de compreender e se compreender no mundo. (BRASIL, 2006)

É nesse sentido que o PROEJA tem contribuído na vida da Dali. Sentir-se incluída no mundo do trabalho é essencial na sua existência, mas as possibilidades eram ínfimas sem a conclusão do ensino médio. *“Quem me conhece sabe o quanto é importante pra mim o trabalho. Considero o trabalho mais importante que o estudo”*. No PROEJA Info, agregada à formação escolar almejada por ela, teve também a oportunidade de desenvolver as habilidades na área da informática, imprescindível no exercício das funções de uma secretária, nos tempos de hoje.

O rompimento com a escola, a exemplo das colegas de turma, também ocorreu por conta da opção pelo casamento. Logo em seguida, a maternidade e ainda o estranhamento da vida numa cidade maior. “[...] *conheci meu marido, casamos e fomos morar em Porto Alegre, pois ele era de lá. Residimos no local por onze anos. Nesse tempo nasceu nosso filho, um menino lindo e inteligente [...]*”. (Dali)

Era comum entre as mulheres interromper suas atividades por conta do casamento ou com o nascimento do primeiro filho. Juntamente com a criança a mulher carregava uma imagem de especialidade, e para preservá-la, ambas deveriam ficar afastadas das ameaças, problemas e tentações da vida fora do lar, do mundo exterior, o mundo do trabalho conforme Magalhães (2001). Desse modo, o trabalho que a mulher exerce no lar, não se tornou um trabalho valorizado porque ele não tem um valor econômico numa sociedade consumista.

Além disso, como diz Pinsky (2010), as mulheres eram priorizadas como donas de casa e mães. O casamento era considerado incompatível com a vida profissional pela sociedade vigente, pois defendiam que trabalhando, a mulher deixaria de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados para com o marido. Trabalhar era uma ameaça não apenas à organização do lar como também à estabilidade do casamento, perda da feminilidade e o descuido com a aparência e sua reputação pessoal feminina.

De acordo com Magalhães (2001), o papel da dona de casa não é incumbência exclusiva às mães do grupo familiar, mas a toda mulher responsável pela execução das atividades domésticas em lares habitados por qualquer número de pessoas, estando elas ligadas ou não por laços familiares. É dona de casa, a estudante que mora sozinha, a mãe que cuida da sua prole, a mulher que além do desempenho do papel de mãe e esposa, também exerce atividades profissionais fora de casa, a mulher professora, executiva, advogada, bancária, dita independente, que vive sozinha, no seu lar. Considerando que quando se fala em lar, naturalmente, relaciona-se uma série de afazeres que são úteis para a preservação e organização do mesmo, numa sociedade moderna, o homem que vive sozinho também é um dono de casa, e nesse caso, é ele quem deve administrar as tarefas domésticas.

Inseridas numa sociedade cuja cultura sempre desprestigiou o trabalho da mulher e conseqüentemente a formação escolar, as minhas alunas da EJA, donas

de casa, como as mulheres participantes desta pesquisa tentam reconstruir uma história de defasagem escolar como se a obtenção do certificado de conclusão do ensino médio as completasse como indivíduo. É por esse motivo que ao propor uma formação através do currículo integrado o PROEJA pretende resgatar o sujeito jovem ou adulto que se encontra à margem, re/construindo a sua autoestima, promovendo o autoconhecimento e contribuindo para o exercício da cidadania e sua inserção no mundo do trabalho. O PROEJA leva em conta as novas exigências do mundo do trabalho que vem, na análise de Santos; Furtado (2011), projetando um novo conceito de qualificação profissional que passa a incorporar uma dimensão técnica aliada a uma dimensão sociolaboral. Numa perspectiva de qualificação profissional técnica e ao mesmo tempo social. São novas exigências do mundo do trabalho e desafios novos para o trabalhador, principalmente no que se refere à boa convivência entre colegas de trabalho, pois relaciona-se a “compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa” (BRASIL, 2006, p.13).

No entanto, a formação escolar através do PROEJA, numa perspectiva mais humanizadora vai exigir dos professores uma formação pedagógica diferenciada e um olhar crítico e reflexivo voltado à inovação das suas práticas pedagógicas, na sala de aula. Nesse sentido, a consolidação do currículo integrado proposto pelo PROEJA como garantia da inclusão e permanência do jovem ou adulto, na sala de aula, somente será efetivada através da mudança no perfil do professor engajado em um ensino pouco reflexivo e conteudista. Sem isso, uma etapa do ensino continuará sendo regido por componentes curriculares cujos conteúdos, muitas vezes, são vazios de significados e sem relação com as exigências do mundo do trabalho e o cotidiano do estudante. “Os professores passam a ser uma peça-chave do Programa, pois sua atuação deve estimular a participação ativa dos alunos no processo de construção do conhecimento” (SANTOS; FURTADO, 2011, p. 63).

Assim, o investimento na formação continuada dos professores deve ser reforçado pelo poder público, e isso constitui, junto à intenção de tornar o programa em política pública, um dos maiores desafios para garantir a eficácia do PROEJA nos processos de escolarização dos jovens e adultos. Além disso, é necessário que os cursos de formação acadêmica dos professores também tenham um olhar conhecedor da realidade das escolas de formação básica. O desenvolvimento das

habilidades que promovam uma educação mais humana, reflexiva e relacionada com outras áreas do conhecimento deve iniciar através da prática mais efetiva dos estudantes em formação profissional, nessas escolas. A aproximação das “diferentes” realidades é fundamental para a promoção de um ensino com mais qualidade e se apresenta como um caminho para que se tenha uma sociedade mais justa e com menos desigualdades sociais.

2 METODOLOGIA

No presente trabalho procurei conhecer a trajetória de vida das mulheres que precisaram ausentar-se da escola por circunstâncias inerentes à vida. Para algumas mulheres a necessidade de trabalhar cedo para ajudar no sustento da família ou a opção pelo casamento e a constituição da própria família são fatores que, geralmente influenciam o seu afastamento da escola, em idade “própria”.

Nessa busca, interessei-me por saber quem são essas mulheres, quais os seus conhecimentos e experiências, como elas articulam seus conhecimentos prévios aos conhecimentos escolares, que rumos pretendem seguir após concluir a educação básica e quais sonhos foram adiados ao interromperem os seus estudos.

Nessa pesquisa qualitativa, usei como técnica de coleta de dados a entrevista, o diário de campo e a observação. Para melhor compreender as suas motivações, usei imagens de várias mulheres, a maioria anônimas, e algumas fichas com as palavras: atitude, batalhadora, coragem, ousadia, persistência, superação e vitoriosa como dinâmicas aplicadas em encontros diferentes, a fim de provocar uma reflexão e o autoconhecimento.

No desenvolvimento da pesquisa, analisei como elas administram as atividades do seu cotidiano com a vida escolar, tentando entender quais as expectativas de vida criadas, por elas, através dos cursos oferecidos pelo PROEJA e, como elas articulam seus conhecimentos prévios aos conhecimentos adquiridos pela formalidade escolar.

Como um programa que visa à formação integral do estudante, avaliei o papel do professor, enquanto educador de adultos na vida dessas mulheres relacionando o papel do educador com o conhecimento de mundo dessas mulheres.

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa não tratei de dados mensuráveis, pautei-me em uma análise reflexiva acerca das suas motivações para voltar à escola. A pesquisa qualitativa amplia a compreensão a respeito do campo de conhecimento estudado. Essa abordagem sugere ampliar valores, crenças, opiniões, atitudes e, é empregada para que o pesquisador compreenda a sutileza na complexidade do fenômeno estudado. Porém, de acordo com Demo (1986), a

utilização da abordagem qualitativa com caráter científico requer coerência, consistência, originalidade e objetividade.

Inicialmente, durante os meses de setembro e outubro de 2010, fiz contatos com a instituição de ensino que oferta o PROEJA Info para possibilitar a definição do número de mulheres que participariam da pesquisa. A seguir, partindo dos sucessivos contatos, nos meses de novembro/2010 a abril/2011, realizei a pesquisa usando como recurso metodológico um diário de campo para a coleta de dados como também, as entrevistas na qual foram contando suas histórias de vida.

As entrevistas iniciaram informalmente, na forma de diálogo, possibilitando que me aproximasse mais efetivamente das mulheres entrevistadas, quando procurei traçar um perfil das mesmas e fiz a entrega dos caderninhos para que relatassem suas histórias. Posteriormente, procurei investigar a nova “leitura de mundo” (FREIRE, 1987, p. 11) adquirida por elas após retornarem às salas de aula, identificando os seus avanços pessoais conquistados e o que significou para elas a permanência na escola, a troca de experiências com outras pessoas e a relação que passaram a fazer desses conhecimentos adquiridos com o seu cotidiano. Em relação ao mundo do trabalho, investiguei os interesses profissionais dessas mulheres enquanto estudantes do PROEJA Info.

Dessa forma, interessada nas motivações das mulheres levei em consideração os desafios que elas enfrentam para conciliar escola, trabalho e família, problematizando a questão: o que motiva a mulher com idade mais avançada, que além das tarefas domésticas, o cuidado dos filhos e a jornada de trabalho, ainda encontram forças para frequentar as salas de aula, no PROEJA? Nesse trabalho procurei conhecer a trajetória dessas mulheres; saber quem são elas, quais os seus conhecimentos e experiências; entender como elas articulam seus conhecimentos prévios aos conhecimentos escolares; identificar os rumos que pretendem seguir após concluir a educação básica e os sonhos adiados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a vida das mulheres envolve os sentimentos e emoções das pessoas, pois as lembranças refletem e constroem a história do presente. “Os fatos atravessam o sujeito porque são por ele vivenciados, porque partem de sua experiência” (SALVA, 2008, p.32).

Enquanto algumas mulheres simplesmente contaram-me sua história como mais uma mulher, “parte” desse mundo, outras compartilharam comigo parte de uma história que vai sendo constituída num mundo com tantas desigualdades. Tanto umas como as outras fazem parte de uma história de exclusão e de conquistas ao longo dos séculos e no PROEJA como na EJA, pouco a pouco elas estão se posicionando e achando o seu lugar, nesse mundo.

O PROEJA tem cumprido o seu papel na vida das mulheres com idade mais avançada, possibilitando o acesso à educação básica como recomenda a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), oportunizando a conclusão dos estudos, encorajando-as e preparando-as para o mundo do trabalho. A EJA - Educação de Jovens e Adultos é uma oportunidade de ensino oferecida a todas as pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram a educação básica na idade própria e, desejam concluí-la.

Os saberes escolares que correspondem ao desenvolvimento dos conteúdos específicos de cada componente curricular são um desafio constante para elas, mas não um obstáculo para que permaneçam no curso ou deem continuidade aos estudos, após a conclusão do mesmo. Entretanto, mesmo que a continuidade dos estudos se dê em outras áreas que não a informática, o próprio curso PROEJA Info possibilitou o desenvolvimento das habilidades técnicas, capacitando-as para fazer a manutenção dos próprios computadores.

Para algumas mulheres, o currículo integrado proposto pelo PROEJA, visando uma formação mais humana, tem promovido o autoconhecimento e a elevação da autoestima, agregada à possibilidade de estudar e concluir os estudos de uma forma mais prazerosa e interessante, como mencionou a Cida.

Outras, desejosas de serem inseridas no mundo do trabalho, veem na formação profissional a oportunidade de ocuparem outros espaços na sociedade,

diferentes dos já ocupados, no casamento e no lar. Nessa busca profissional, elas desejam um pouco de autonomia através dos próprios salários para não depender tanto do marido, para comprar objetos pessoais ou até mesmo para atender algumas necessidades dos filhos.

Numa época que algumas mulheres com pouca formação escolar estão assumindo funções que há bem pouco tempo eram atribuídas apenas aos homens, o PROEJA vem desempenhando um importante papel na formação escolar e profissional na vida dessas mulheres, ampliando as suas possibilidades de ingresso ao mundo do trabalho. Trabalhar fora do lar representa para elas, a ocupação de um lugar de maior destaque na sociedade, pois os serviços que realizam dentro de casa não são valorizados. Percebi ainda, que a sociabilidade é algo importante para elas, pois o convívio na escola possibilita conversarem sobre outros assuntos que não se relacionam aos serviços da casa, problemas familiares e filhos. Ocorre ainda que a escola não oferecia uma metodologia adequada e com prática inclusiva e acabava afastando as pessoas mais pobres que também possuíam outros interesses como trabalhar cedo. Finalmente, constatei que para a maioria das mulheres que analisei, o atraso escolar ocorreu por fatores relacionados à opção pelo casamento e a chegada dos filhos, se contrapondo ao incentivo para retornarem aos estudos que partiu de figuras masculinas, senão o filho, o marido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. **Mulher e Educação: A Paixão pelo Possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

ANDRADE, S. dos S. **Juventudes e Processos de Escolarização: Uma Abordagem Cultural**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 195 – 210.

BRASIL. Lei n. 9 394, de 20 de Dezembro de 1996. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA): Documento Base**: MEC/SETEC, 2007.

DE CASTRO, M. D. R.; MACHADO, M. M.; VITORETTE, J. M. B. **Educação Integrada e PROEJA: diálogos possíveis**. Educação e Realidade

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências**. São Paulo: Atlas, 1986.

D'INCÃO, M. A. Mulher e Família Burguesa. IN. Mary Del Priore. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto, 2010.

FERREIRA, L. S. **A Pesquisa e a Escrita na universidade**: Sistematizando uma prática pedagógica em aulas de Metodologia da Pesquisa e Pesquisa em Educação. In: Cadernos de Educação. Faculdades de Educação/UFPEL, ano 18, n.

FILHO, D. L. L. **O PROEJA em Construção**: enfrentando desafios políticos e pedagógicos. Educação e Realidade, jan./abr 2010

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. **A Experiência do Trabalho e a Educação Básica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KUENZER, A. Z. **Conhecimento e Competências no Trabalho na Escola**. Em aberto.

LOURO, G. Mulheres na Sala de Aula. IN. Mary Del Priore. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto, 2010.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora. Pedagógica e Universitária Ltda. 1986.

MAGALHÃES, A. de A. **História de Mulheres**. São Paulo: Altana, 2001

PASTORE, J. **Futuro do Trabalho no Brasil no Mundo**. Em Aberto, 1995.

PERROT, M. **Minhas Histórias Das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PICONEZ, S. C. B. **Educação Escolar de Jovens e Adultos**. São Paulo: Papyrus, 2004.

PINSKY, C. B. Mulheres dos Anos Dourados. IN. Mary Del Priore. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto, 2010.

REVISTA MÁTRIA. **A Emancipação da Mulher**. Brasília: CNTE, Vol. I, Março, 2008.

SALVA, S. **Narrativas da Vivência Juvenil: Histórias e Poéticas Produzidas por Jovens de Periferia urbana de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 14 – 60.

SANDER, B. **Políticas Públicas e Gestão Democrática da Educação**. Brasília. Líber Editora, 2005.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa/Naturalista: Problemas Epistemológicos**. Educação e Seleção. N. 7, jan/jun. 1983.